

FMI não faz restrições ao Brasil

Missão do Fundo analisa os números e apóia a forma como o Governo está conduzindo a economia brasileira

Amauri Bier diz que principal desafio é o equilíbrio das contas públicas para garantir a redução dos juros

Não há diferença entre a política econômica do Governo e a política do Fundo Monetário Internacional (FMI). Por isso, o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amauri Bier (-foto), acredita que a missão do FMI, que ficou duas semanas no Brasil e fez um levantamento detalhado de todos os números da economia brasileira, não terá qualquer discordância sobre a condução da economia pela equipe do Governo Fernando Henrique.

"A linha de preocupação do FMI é semelhante a do Governo", explicou ele em conversa com o **Jornal de Brasília**. O principal desafio é equilibrar as contas públicas e, com isso, criar condições para reduzir as taxas de juros. "Temos que enfrentar o problema da forma que estamos enfrentando", comentou Bier. Ele refutou, entretanto, as informações de que há um quadro de franca deterioração das contas do setor público.

"É exagerada essa percepção", reclamou. Segundo ele,

no primeiro trimestre deste ano a União obteve superávit primário, conceito que exclui as despesas com juros, de 1,19% do PIB (Produto Interno Bruto), quase o dobro do registrado em igual período do ano passado. O desequilíbrio das contas públicas, entretanto, vem preocupando o Governo, admitiu Bier. É que contados os gastos com as dívidas, o superávit transforma-se em um dos maiores déficits da história do País.

Déficit

"Mas não há um quadro de descontrole da questão fiscal", afirmou. Os Estados e Municípios deram a maior contribuição para aumentar o déficit público. Bier confirmou que serão adotadas medidas para melhorar o desempenho fiscal do setor público, inclusive dos Estados e Municípios. Por enquanto, o Governo está estudando várias propostas, mantidas ainda sob sigilo.

Em tese, novos cortes de despesas dependerão de "uma decisão mais ampla do Gover-

no" e não da equipe econômica, lembrou. Segundo ele, todos os cortes prometidos no pacote de novembro, com o qual o Governo esperava obter um ganho de R\$ 20 bilhões, foram efetuados. Só que os cortes, de 15% em custeio e de 6% nos projetos, referem-se ao Orçamento e não ao gasto realizado no ano passado. "O Governo cumpriu à risca o que prometeu", garantiu.

Títulos

O déficit vem sendo combatido com medidas estruturais e monitoramento de curto prazo. O nervosismo no mercado financeiro nos últimos dias e a dificuldade de o Tesouro Nacional colocar títulos no mercado, segundo Bier, decorrem ainda do trauma de outubro do ano passado: diante do agravamento da crise na Ásia, o Brasil dobrou as taxas de juros e adotou um pacote fiscal.

O temor de novo aumento nos juros e "a falsa percepção" de que o País é frágil do ponto vista externo fazem o mercado exigir maiores taxas. Esse ambiente de tensão vai se normalizando, segundo Bier, à medida que o Governo vai adotando medidas. "Para não ficar refém do mercado", segundo ele, o Governo lançou títulos pós-fixados e reduziu os prazos dos papéis do Tesouro.

Juros

Assim, ele deu garantia de que vai manter a política de redução gradual dos juros. Os

estragos da elevação dos juros, em outubro, continuam refletindo nas contas públicas: segundo Bier, o setor público só vai se livrar totalmente dos gastos adicionais com encargos financeiros no terceiro trimestre deste ano, quando todos os papéis com juros altos já terão sido trocados por outros, com taxas menores.

Na conversa, o secretário de Política Econômica procurou demonstrar que a situação está sob controle, tanto na parte externa quanto na interna. Ele admitiu, porém, que na hipótese de um ajuste drástico na Bolsa de Nova Iorque o Brasil e as principais economias do mundo serão afetados. Bier explicou que há duas percepções diferentes sobre Wall Street: uma corrente de analistas acha que o valor das ações reflete a realidade e outra que entende que as ações estão sobrevalorizadas, podendo causar uma crise a qualquer momento.

**GILSON LUIZ EUZÉBIO E
RODRIGO LEITÃO**
Repórter e Redator de Economia
do Jornal de Brasília



Ruy Baron